

A guerra que vai acabar com a guerra na Ucrânia

Não sabemos como e quando esta guerra irá acabar. Mas sabemos que a ideia de uma “guerra que acabará com a guerra” trazendo consigo a “oportunidade do liberalismo” foi uma ilusão.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 20 de fevereiro de 2023

1. Em 1914 o escritor de ficção científica e intelectual britânico Herbert George Wells, mais conhecido como H. G. Wells, publicou um pequeno livro intitulado *The War That Will End War* (A guerra que acabará com a guerra). O texto foi baseado num conjunto de artigos que tinha publicado na imprensa britânica após o eclodir da I Guerra Mundial, em Agosto de 1914. Pela influência de H. G. Wells na sociedade britânica da época — e pelo jogo de palavras do seu título que fica a ressoar na mente —, a frase adquiriu rapidamente grande notoriedade. Mas o que começou como um genuíno *slogan* liberal-idealista nos primeiros meses da I Guerra Mundial acabou por se transformar, com o perdurar do conflito e a horrível carnificina que seguiu ao longo de quatro longos anos (1914-1918), num dito de tonalidades bem irónicas. Mas o impacto do *slogan* criado por H. G. Wells estendeu-se, também, à paz. Na altura das negociações do Tratado de Versalhes de 1919, originou um outro jogo de palavras particularmente irónico: “Uma paz para acabar com toda a paz.” A frase terá sido originalmente proferida pelo militar britânico Archibald Wavell, no contexto dessas negociações. Foi retomada no título de uma obra de David Fromkin, *A Peace to End All Peace: The Fall of the Ottoman Empire and the Creation of the Modern Middle East* (Henry Holt & Co., 1989), a propósito do estado de conflito e de guerra quase permanente do Médio Oriente moderno, saído dessa mesma paz.

2. Vale a pena reler o livro de H. G. Wells tendo em mente os acontecimentos que vivemos hoje ligados à guerra na Ucrânia, a qual adquiriu as características de uma guerra por procuração do Ocidente liberal contra a Rússia autoritária. Uma parte do livro de H. G. Wells é, precisamente, sobre a Rússia autocrática do czar Nicolau II de há um século. No capítulo VIII, abordava “o medo liberal da Rússia”, a qual, durante a I Guerra Mundial — apesar de ser um Estado autocrático —, era aliada das democracias liberais (Grã-Bretanha e França) contra a Alemanha imperial do Kaiser Guilherme II. “É evidente que existe um pavor muito considerável do poder e das intenções da Rússia neste país”, dizia H. G. Wells. “Os ingleses imaginam que a Rússia é mais intencional do que ela, mais concentrada, mais inimiga da civilização ocidental. Pensam na política russa como se ela fosse uma aranha diabolicamente inteligente num lugar escuro.” H. G. Wells notava ainda que em termos sociais e políticos a Rússia “é uma estrutura inteiramente única” e que, entre os britânicos, era “moda falar da Rússia como estando ‘no século XIV’, ou ‘no século XVI’.” Era essa Rússia que o liberalismo ocidental temia, mas H. G. Wells

comparando-a ao passado dos “gentis liberais” ocidentais (ingleses) interrogava-se assim: “A Rússia é substancialmente bárbara. Quem o pode negar?” Mas as pessoas na Europa Ocidental estão constantemente a escrever sobre a Rússia e os russos como se as qualidades naturais à barbárie fossem qualidades inerentes ao sangue russo. A Rússia massacra, por vezes até com conviência oficial. Mas a Rússia em toda a sua história não tem massacres tão abomináveis como nós, gentis ingleses, fomos culpados na Irlanda nos séculos XVI e XVII.”

3. Em 1914, a guerra que ia acabar com a guerra trazia também uma extraordinária oportunidade para o liberalismo (na linguagem de hoje seria para a ordem internacional liberal). Pelo menos, assim acreditava H. G. Wells. No capítulo VII do livro — precisamente intitulado “A oportunidade do liberalismo” —, escrevia quase entusiasticamente que “chegou finalmente uma oportunidade esmagadora” para as ideias liberais se imporem na reconfiguração do mundo. H. G. Wells via na guerra uma possibilidade única “de fazer coisas fundamentais que, de outra forma”, não seriam feitas “durante centenas de anos.” Explicando melhor o que tinha em mente, referiu que “se os liberais de todo o mundo — e nesta matéria o liberalismo da América é uma possibilidade estupenda — insistirem numa conferência mundial no fim deste conflito, se recusarem todos os acordos parciais e soluções meramente europeias, poderão redesenhar todas as fronteiras que escolherem, poderão reduzir ao mínimo mil conflitos de raça, língua e governo, e criar uma Liga para a paz que controlará o globo.” Assim, a guerra — e posterior conferência mundial de paz — trazia uma possibilidade de reconfigurar o mundo, a qual, para os liberais da época, podia “nunca mais voltar a ser possível”. Trazia consigo a esperança de uma futura ordem internacional liberal configurada pelos seus valores, sem mais guerras. Mas o resultado, sabemos hoje, foi a autodestruição da Europa e uma “paz para acabar com toda a paz” que abriu caminho a uma guerra ainda mais devastadora ocorrida vinte anos depois.

4. Um século depois, os europeus encontram-se numa situação que faz lembrar, bem mais do gostariam — e imaginavam ser possível no século XXI —, os dramas e aspirações que H. G. Wells reflectiu em *The War That Will End War*. A guerra que decorre na Ucrânia contra a Rússia autoritária é, agora, a grande oportunidade, no nosso século, para o liberalismo se impor à Rússia e no mundo? Irá erradicar o imperialismo russo, tal como pensava H. G. Wells que iria ocorrer, há um século, com o imperialismo prussiano / germânico, que era “um incómodo intolerável na Terra”? Mas os decisores políticos europeus, incluindo os das democracias liberais, que enviaram os seus soldados para a guerra no Verão de 1914 pensavam que os combates terminariam até ao final desse mesmo ano. A vitória seria fácil e rápida. Todavia, a guerra acabou por durar mais de quatro anos e provocou mais de 10 milhões de mortes. As ilusões e horrores dessa guerra estão magistralmente retratados no livro de 1929 *A Oeste Nada de Novo (Im Westen Nichts Neues)*, de Erich Maria Remarque — baseado na sua própria experiência como soldado do exército germânico durante a I Guerra Mundial —, e no recente filme de 2022 do cineasta alemão Edward Berger baseado na referida obra. Na actual era de tecnologia, a guerra continua a não ser um jogo, mas uma brutal e horrível destruição de vidas humanas.

5. Agora foi a Rússia que imaginou que teria uma vitória rápida e fulgurante, invadindo a Ucrânia de 24 de Fevereiro de 2022, em flagrante violação do Direito Internacional. A sua “operação militar especial” seria quase um passeio até Kiev. Fracassou, tal como fracassou a Alemanha Imperial de 1914 quando imaginava que os seus exércitos iriam rapidamente ocupar Paris e fazer capitular o Governo francês. Subestimou largamente a capacidade de resistência ucraniana e o subsequente apoio em massa do Ocidente a esta. Todavia, um ano depois, temos uma guerra muito diferente e sem fim à vista. Há centenas de milhares de soldados mobilizados, uma situação de impasse na frente de guerra e uma imensa destruição material e de perdas de vidas humanas. Tal como há um século, nesta altura ambos os beligerantes pensam ser capazes de impor uma vitória militar total ao outro — ou, pelo menos, esmagadora — e obrigar o adversário a negociar uma paz nos seus próprios termos, ou seja, a capitular. Por isso, a guerra continua, e continuará certamente enquanto for assim. Não sabemos como e quando irá acabar. Mas sabemos, porque a história já nos mostrou isso, que a ideia de uma “guerra que acabará com a guerra” trazendo consigo a “oportunidade do liberalismo” foi uma ilusão. Sabemos também que em 1919 o Tratado de Versalhes trouxe uma “paz para acabar com toda a paz.” Veremos agora onde nos irá levar esta guerra, que promete de novo acabar com a guerra, numa era nuclear.

<https://www.publico.pt/2023/02/20/mundo/opiniao/guerra-vai-acabar-guerra-ucrania-2039519>